

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Segmentações não convencionais da escrita inicial: convergências do processo em diferentes línguas. *ReVEL*. vol. 17, n. 33, 2019. [www.revel.inf.br]

SEGMENTAÇÕES NÃO CONVENCIONAIS DA ESCRITA INICIAL: CONVERGÊNCIAS DO PROCESSO EM DIFERENTES LÍNGUAS

*Unconventional segmentation in early writing: convergences of the process in
different languages*

Ana Paula Nobre da Cunha¹

Ana Ruth Moresco Miranda²

apncunha@gmail.com

anaruthmmiranda@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, fazemos uma revisão de diversos trabalhos, de diferentes pesquisadores, na área da aquisição da escrita, especificamente, no que concerne à segmentação não convencional do texto. Os *corpora* apresentados nessas pesquisas abrangem textos de crianças de diferentes línguas e mesmo de diferentes variedades de uma mesma língua. Nosso objetivo é demonstrar as convergências que parecem caracterizar, de modo geral, o processo de segmentação da escrita, relacionando-o à noção de palavra, bem como a relação que esse processo de aquisição pode ter com o conhecimento fonológico internalizado, em especial, o conhecimento prosódico, uma vez que, a partir desses estudos, constatamos que os constituintes prosódicos exercem significativa influência sobre os processos de segmentação não convencionais na aquisição da escrita inicial das diferentes línguas analisadas. A observação, bem como a compreensão desse processo, é de extrema relevância não só para os pesquisadores da área de aquisição da linguagem, como, também, para os profissionais da área da alfabetização, uma vez que o professor dos anos iniciais está cotidianamente em contato direto com as questões que aqui serão abordadas.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição da escrita; segmentação não convencional; prosódia; alfabetização

ABSTRACT: In this paper, I have reviewed several studies carried out by researchers in writing acquisition, mainly regarding unconventional segmentation in texts. Their corpora comprise texts written by children in various languages and in different varieties of a language, as well. This paper aims at showing the convergence which seems to characterize not only the segmentation process in writing, in general, and relate it to the notion of word, but also the relation that the acquisition process may establish with internalized phonological knowledge, mainly prosodic knowledge, as, based on these studies, we noticed the prosodic constituents have a significant influence on unconventional segmentation processes in the acquisition of initial writing of the languages analyzed. The observation and understanding of this process is extremely relevant not only for researchers in the field of language acquisition, but also for the professionals in the field of literacy, as the lectures in early years is constantly in contact with issues to be approached here.

KEYWORDS: writing acquisition; unconventional segmentation; prosody; literacy

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Professora do Centro de Letras e Comunicação – CLC, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

² Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Professora da Faculdade de Educação – FaE, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, e do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Pesquisadora do CNPq.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, entendemos a aquisição da escrita como parte do processo de aquisição da linguagem (cf. Abaurre, 1987), levando-se em conta que a primeira remete a um período particular dentro desse processo mais amplo e abrangente da segunda. Tomamos a aquisição da linguagem, por sua vez, como um processo inato (cf. Chomsky, 1965), enquanto a aquisição da escrita é aqui considerada, particularmente, sob uma perspectiva construtivista (cf. Piaget, 1972), em que se tem a criança como um sujeito ativo, que aprende por intermédio de suas ações sobre os objetos do mundo que a cerca. Sob esse ponto de vista, o inatismo (cf. Chomsky, 1965) e o construtivismo (cf. Piaget, 1972), embora sejam teorias distintas, não são incompatíveis, ao contrário, complementam-se quando se pretende estudar, dentro da linguagem, fenômenos relativos à escrita e sua aquisição.

A aquisição da escrita, de modo geral, é um processo complexo, pois exige da criança a construção de um novo conhecimento que envolve tanto sua capacidade de abstração como de reflexão. O sujeito da aprendizagem, ou “sujeito cognoscente”, segundo a teoria piagetiana, não espera por instruções para começar a interagir com o seu entorno. Dessa forma, quando a criança entra para a escola, já possui uma série de concepções sobre a escrita, uma vez que o mundo está repleto de textos com os quais ela se relaciona o tempo todo; no entanto, é no ambiente escolar que terá oportunidade de se voltar para a língua como objeto de conhecimento e formular hipóteses relativas à sua forma e função.

Neste momento, nossa atenção volta-se, em particular, para a segmentação do texto em palavras, mais especificamente para a segmentação não convencional da escrita – hipossegmentações (falta de espaço entre fronteiras vocabulares – “minhacasa”, para “minha casa”, por exemplo) e hipersegmentações (inserção de espaço dentro dos limites da palavra gráfica – “mara vilha”, para “maravilha”, por exemplo). Com base em alguns dos principais trabalhos que abordam essa temática – em textos de escrita inicial, em diferentes línguas – e com um foco mais restrito em textos espontâneos produzidos por crianças dos anos iniciais pertencentes a duas variedades de uma mesma língua, o português, temos como objetivo demonstrar as convergências que parecem caracterizar, de modo geral, o processo de segmentação da escrita, relacionando-o à noção de palavra, bem como a relação que esse processo de aquisição pode ter com o conhecimento fonológico internalizado, em especial, o conhecimento prosódico.

Acreditamos que o entendimento desse processo é relevante não apenas para os pesquisadores da área da aquisição da linguagem, mas, também, para os professores que trabalham particularmente com a alfabetização, visto que estes se deparam na sua prática diária com o fenômeno que aqui será descrito. Assim, o entendimento do percurso de aquisição da escrita infantil, além de colaborar com discussões pertinentes à linguística, pode e deve colaborar para o planejamento de atividades escolares. Deste modo, reforçamos a importância de estudos deste tipo para os dois campos do conhecimento aqui evocados: a linguística e a educação.

Para começarmos o nosso percurso em direção ao objetivo que traçamos, é necessário que se faça, inicialmente, uma reflexão sobre a segmentação da escrita e em que medida ela se relaciona particularmente com a noção de palavra. Ou seja, o quanto uma depende da outra para que a criança chegue à segmentação alvo, conceituada como convencional.

1 A SEGMENTAÇÃO DA ESCRITA E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE PALAVRA

A criança, ao ingressar na escola, já possui hipóteses do que seja a escrita, uma vez que vive em um mundo repleto de textos escritos e de informações relativas a esse sistema. Conforme Kato (2005: 11), “a fala e a escrita são parcialmente isomórficas”. Por conseguinte, embora desde muito cedo a criança entenda que a escrita não é transcrição da fala, na sua escrita inicial é bastante comum que o aprendiz use a fala como referência para a constituição da escrita e, em particular, para identificar os espaços em branco que caracterizam a segmentação do texto.

A fala é constituída por uma cadeia contínua de sinais acústicos, com segmentações que, na maioria das vezes, não tomam como referência a palavra gráfica. Portanto, acreditar que a criança, na fase inicial de aquisição da escrita, usa a fala como referência é, também, entender que a segmentação não convencional pode ter, dentre outros fatores, não menos importantes, uma motivação prosódica, reveladora do conhecimento fonológico subjacente que a criança possui sobre a sua língua.

Nessa perspectiva, segmentar a escrita significa, para a criança em fase de aquisição, inserir pausas no que ela entende como um contínuo, portanto, estabelecer limites entre fronteiras de palavras. Isso equivale a dizer que, ao segmentar a escrita, a criança precisa definir o que é uma palavra, tarefa não menos complexa que o próprio processo de aquisição como um todo.

A definição de palavra não é uma empreitada das mais simples, visto que seus limites podem variar de acordo com os critérios seguidos para a sua análise. Segundo Rosa (2000), além de seu uso na escrita, a palavra pode ser entendida como uma unidade fonológica, como o elemento mínimo de uma estrutura sintática ou ainda como um elemento integrante do vocabulário da língua. Vale dizer que esses critérios são linguísticos e interessam particularmente aos teóricos que estudam a noção de palavra; para a criança que está iniciando sua caminhada pelo mundo das letras, esse é ainda um conceito muito instável, portanto, gerador de muitas dúvidas, as quais tendem a ser elucidadas no período em que a criança está adquirindo a escrita.

Conforme Roazzi e Carvalho (1995: 499), é no contato com a própria escrita, institucionalizada, que as reflexões da criança vão se tornando mais sistemáticas e mais rentáveis em termos de compreensão sobre o funcionamento desse novo sistema em aquisição, “obrigando-a, em um certo sentido, a se tornar mais consciente de sua estrutura e, assim, alcançar uma ideia convencional do que seja e para que serve uma palavra”.

Com a intenção de explicar essa dificuldade enfrentada pelas crianças, Ferreiro e Pontecorvo (1996) se utilizam da definição proposta por Benveniste (1991) sobre “palavra no enunciado” e “palavra no sistema”. A palavra no sistema seria, aproximadamente, o que se entende por “palavra” no contexto da escola, aquela que é encontrada no dicionário, que se relaciona com o seu sentido denotativo e com a classe gramatical a qual pertence. A palavra no enunciado seria a palavra inserida no discurso, a palavra de limites imprecisos e variáveis, é a palavra relacionada com a enunciação e com as suas variações de sentido.

Para Ferreiro e Pontecorvo (1996), a noção de “palavra” é instável para a criança pré-alfabetizada, podendo significar um fragmento do enunciado, o enunciado completo ou ainda letras isoladas. A segmentação lexical começa a sistematizar-se, segundo as autoras, quando a criança entra para a escola. As pesquisadoras afirmam que nesse período é mais fácil a criança identificar como palavras, os substantivos, os verbos e os adjetivos, ficando as demais classes gramaticais, principalmente os artigos, conjunções, preposições e outros elementos de ligação, como uma “não palavra”. Vejamos, então, como essas dificuldades se apresentam no estudo de Ferreiro e Pontecorvo (1996), em textos de crianças de quatro diferentes línguas.

2 AS SEGMENTAÇÕES NÃO CONVENCIONAIS DA ESCRITA EM TEXTOS DE CRIANÇAS ITALIANAS, MEXICANAS, URUGUAIAS E BRASILEIRAS

Ferreiro e Pontecorvo (1996) apresentam um estudo sobre a segmentação na aquisição da escrita em um *corpus* composto por crianças italianas, mexicanas, uruguaianas e brasileiras. As autoras desenvolvem sua análise – quantitativa e qualitativa – com base em dados que resultam em três gráficos comparativos, apresentando as segmentações observadas nos textos infantis e sua relação com as segmentações (não) convencionais.

As segmentações não convencionais recolhidas dos textos são, conforme Ferreiro e Pontecorvo (1996), as “hipossegmentações” e as “hipersegmentações”, como, por exemplo, *ledijo* (para *le dijo*, “lhe disse”) e *tie nes* (para *tienes*, “tens”), respectivamente. Os três gráficos analisados pelas autoras correspondem à i) distribuição de textos segundo o tipo de segmentação, ii) distribuição de textos segundo valores de hipo e hipersegmentação e iii) distribuição dos textos com problemas de segmentação segundo frequências de hipo e/ou hiper sobre o total do léxico.

Para composição do primeiro gráfico, as autoras dividem os textos em quatro categorias: os textos com segmentação convencional, os que apresentam unicamente hipossegmentações, os textos que só apresentam hipersegmentações e os que apresentam ambas. Com base no primeiro gráfico, as autoras concluem, de modo geral, que existe uma tendência à predominância de hipossegmentações sobre hipersegmentações, independente das línguas analisadas, da tradição escolar e do tipo de script (os textos das crianças mexicanas foram grafados com caracteres separados, enquanto os textos das demais crianças com caracteres ligados).

Em um segundo momento, as autoras analisam apenas os textos que apresentam segmentações não convencionais. Dessa vez, três são as categorias analisadas: “dominância de hipossegmentação”, em que são agrupados tanto os textos que apresentam apenas a hipossegmentação quanto aqueles em que a hipo é predominante à hipersegmentação; “dominância de hipersegmentação”, seguindo o mesmo critério da categoria anterior; e, como terceira categoria, “hipo-hiper”, textos em que esses dados aparecem em igual proporção.

Analisando apenas os textos em que aparecem segmentações não convencionais, as autoras concluem que os quatro grupos, referentes a cada uma das

línguas estudadas, apresentam semelhanças notáveis, a saber: i) em todas as línguas a hipossegmentação é dominante, com percentuais bem próximos entre si (entre 75% e 85%); ii) as hipersegmentações aparecem em segundo lugar, também nas quatro línguas, com uma percentagem entre 12% e 16%, exceção feita ao espanhol do Uruguai em que esse número é significativamente menor (7%); por fim, iii) nas quatro línguas, os textos que apresentam paridade entre hipo e hipersegmentação estão abaixo de 10%, em uma faixa de 7% a 9%.

Novamente as autoras concluem que as hipossegmentações são dominantes nos contextos linguísticos e educativos analisados. Para Ferreiro e Pontecorvo (1996, p.51), essa tendência, de certo modo, “expressa o ‘mal-estar’ que as crianças sentem diante da segmentação convencional, já que esta apresenta mais segmentações do que as que parecem ‘normais’ a estes escritores principiantes”.

Nos dois primeiros momentos, as pesquisadoras consideram como unidade de análise o texto em sua totalidade, em um terceiro nível elas passam a considerar a frequência com que aparecem as segmentações não convencionais em cada um dos textos, relacionando-as com a quantidade de palavras escritas (ocorrências lexicais).

Com base na frequência, Ferreiro e Pontecorvo (1996) afirmam que os textos das crianças italianas apresentam poucos erros de segmentação em relação aos textos das demais crianças. Porém, embora os textos das crianças uruguaias e brasileiras apresentem mais erros do que das italianas, no geral, esse grupo de textos, que compõe a amostra de escrita cursiva, apresenta menos erros do que os textos da amostra de escrita com caracteres separados (crianças mexicanas).

Ferreiro e Pontecorvo (1996: 53) ressaltam, ainda, que “além da influência do tipo de *script* [...], a experiência escolar prévia e/ou a influência social global parecem incidir sobre a aprendizagem da segmentação convencional”, uma vez que “praticamente todas as crianças da amostra italiana são escolarizadas desde os 3 anos”, o mesmo não acontecendo com as crianças dos demais países. A amostra mexicana compõe-se, particularmente, por crianças de classe baixa, outro fator que, além do tipo de *script*, favoreceria, segundo as autoras, a alta incidência de segmentações não convencionais em seus textos.

Ao analisar qualitativamente os dados, Ferreiro e Pontecorvo (1996) apontam que as hipossegmentações são a tendência geral nos dados de segmentação não convencional. Tal tendência resulta, em grande parte, da grafia de estruturas em que se deveriam isolar sequências de poucas letras (duas ou três), como ***denovo*** ou

porisso, e, principalmente, quando se deveria ter apenas uma letra na função de palavra, como **amenina**.

Outra tendência marcada pelas autoras é o fato de que “as mesmas sequências que produzem a maior parte dos problemas de hipossegmentação são também as que produzem a maior parte dos problemas de hipersegmentação” (Ferreiro e Pontecorvo, 1996: 61). Isso acontece porque as crianças isolam uma parte da palavra que representa uma sequência que existe de forma autônoma na língua, como, por exemplo, **em bora** (embora) ou **gran de** (grande).

Considerando a relação entre noção de palavra e segmentação do texto, Ferreiro e Pontecorvo (1996: 63) afirmam que “a palavra não precede o texto, mas se constitui como uma das partições do texto escrito”. As autoras embasam essa afirmação em dois princípios: o primeiro, “a noção de palavra está estreitamente ligada à escrita (ao menos nas ortografias alfabéticas atuais)”, e, o segundo, “embora exista uma noção intuitiva e pré-alfabética de ‘palavra’, a noção normativa se constrói junto com a aprendizagem da escrita”.

Essa ideia justificaria a dificuldade que as crianças apresentam em reconhecer como palavra elementos com uma ou duas letras, geralmente átonos e sem carga referencial, uma vez que no fluxo da fala não existe o branco da escrita. Como consequência, podemos observar essa relevante supremacia, no início da aquisição da escrita, de dados hipossegmentados em relação aos hipersegmentados, corroborando a afirmação de Ferreiro e Pontecorvo (1996: 64) de que “a escrita das crianças parte de formas unidas (em geral, segundo critérios gráficos e sintáticos) e evolui para uma segmentação cada vez mais completa”.

De acordo com essas conclusões apresentadas por Ferreiro e Pontecorvo (1996), para textos de crianças italianas, mexicanas, uruguaias e brasileiras, vejamos o que dizem outros pesquisadores que tratam especificamente de dados que se relacionam a crianças de língua portuguesa, especificamente, crianças brasileiras e lusitanas.

3 AS SEGMENTAÇÕES NÃO CONVENCIONAIS DA ESCRITA NO PORTUGUÊS

Em relação ao português, encontramos maior número de publicações sobre segmentações não convencionais da escrita que se referem, em específico, ao português brasileiro. Dentre os pesquisadores que investigam essa temática citamos, particularmente, Capristano (2003, 2004), Cunha (2004), Tenani (2004) e Chacon (2005, 2014),

Esses quatro pesquisadores buscam entender quais os processos levam a criança a segmentar o texto em palavras e, principalmente, quais as motivações fonológicas, fundamentadas no modelo de hierarquia prosódica³ proposto por Nespor e Vogel (1986), dão origem a dados de hipo e hipersegmentação na escrita.

Os trabalhos desenvolvidos por Capristano, Tenani e Chacon têm em comum a busca por explicações para os dados de segmentação da escrita fundamentados não só na fonologia prosódica, mas também no modo heterogêneo de constituição da escrita⁴, conforme proposta de Corrêa (2004). Esse grupo de pesquisadores tem, portanto, como propósito central demonstrar que, no processo inicial da escrita, as segmentações não convencionais podem resultar, simultaneamente, do trânsito do sujeito escrevente por práticas orais e letradas.

O trabalho de Capristano (2004) propõe que as marcas linguísticas de segmentação das palavras produzidas pelas crianças podem apontar simultaneamente para dois fatores: “o funcionamento linguístico da escrita infantil” e “processos de subjetivação do escrevente”. Com base nessas hipóteses, a autora, em sua pesquisa, objetiva, sobretudo, “indicar que o funcionamento linguístico da escrita infantil, no que concerne particularmente às segmentações não-convencionais, seria heterogêneo” (Capristano, 2004: 246).

O *corpus* analisado por Capristano (2004) constitui-se por um conjunto de 45 textos produzidos por três crianças (6-7 anos), da primeira série do ensino fundamental. As análises da pesquisadora centram-se, em especial, em hipossegmentações resultantes de uma maior percepção de constituintes acima do domínio da palavra fonológica⁵ na hierarquia prosódica e, talvez em menor grau, de informações sobre o código escrito institucionalizado.

Capristano (2004) analisa os dados, em contexto frasal, levando em conta o tipo de funcionamento de cada segmentação. Considerando a hierarquia prosódica, os

³ A cadeia da fala é um ato contínuo e, de acordo com os pressupostos da teoria prosódica, compreender uma língua pressupõe saber dividir mentalmente essa continuidade em componentes significativos. A fonologia prosódica estuda essa cadeia da fala por meio de constituintes prosódicos, os quais, conforme Nespor e Vogel (1986), são fragmentos mentais, hierarquicamente distribuídos, nos quais se aplicam regras fonológicas específicas. Tais constituintes distribuem-se em sete níveis (sílabas, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional e enunciado), formando a hierarquia prosódica.

⁴ O modo heterogêneo de constituição da escrita, segundo Corrêa (2004), considera o imaginário sobre a escrita que circula na sociedade e tem como questão central a atuação da Imagem que o escrevente faz da escrita na construção do texto. Isso evidencia o caráter específico (ao mesmo tempo, geral e particular) da relação escrevente/linguagem, permitindo problematizar tanto a visão que considera esse modo heterogêneo como interferência do oral no escrito, como a visão que o considera apenas como produto da retomada de modelos de escrita institucionalizados.

⁵ De acordo com Bisol (1996), a palavra fonológica ou prosódica, sendo um constituinte n-ário, caracteriza-se por ter apenas um acento primário. Esse constituinte não tem compromisso em apresentar isomorfia com os constituintes morfológicos.

dados são divididos em quatro categorias: segmentações não convencionais resultantes de uma maior percepção de constituintes acima do domínio da palavra fonológica (*socorela*, para “socorrê-la”), da frase fonológica (*mutovelis*, para “muito feliz”), da frase entonacional (*saiofimrrido*, para “saiu ferido”) e do enunciado (*naiscola*, para “na escola”); e ambos resultantes, talvez em menor grau, de informações sobre o código escrito institucionalizado.

Ao analisar seus dados, Capristano (2004) sugere a existência de dois fatores diferentes que parecem influenciar as segmentações não convencionais encontradas nos textos infantis: um “mais ligado a aspectos prosódicos”, e outro “mais ligado à imagem que as crianças teriam do que seria próprio da escrita” (Capristano, 2004: 258-259).

Com base nos mesmos pressupostos teóricos de Capristano, Tenani (2004) apresenta um estudo sobre “segmentações não-convencionais e teorias fonológicas”, em que analisa as ocorrências de segmentações não-convencionais “resultantes da oscilação entre informação do código escrito institucionalizado e a percepção do escrevente sobre fronteiras de constituintes prosódicos” (Tenani, 2004: 234). Segundo a autora, a

predominância de aspectos prosódicos como sendo relevantes para interpretar o modo pelo qual os espaços em branco ocorrem nos textos infantis pode ser tomada como um indício de que as fronteiras (e possivelmente também a proeminência) de constituintes prosódicos maiores do que a palavra têm alguma realidade psicológica para os falantes (Tenani, 2004: 234).

Tenani (2004) analisa estruturas que podem ter mais de uma interpretação, dependendo do lugar em que ocorre a segmentação da cadeia fônica. A autora investiga dados do tipo “Felisbina” (nome próprio), em que ocorre variação na grafia infantil, como *feliz bina*. Outro exemplo é a palavra “contaminada”, pertencente à frase “a fruta contaminada”, em que aparecem, nos textos infantis, mais de uma possibilidade de inserção de espaço, delimitando as fronteiras de palavras de forma diferente, como em *com taminada* ou *conta minada*, por exemplo.

Em sua análise, Tenani (2004: 242) chama a atenção para a “ambiguidade constitutiva da língua” e defende que não se deve “temer o desafio de identificar as ‘fendas e rachaduras’ das estruturas linguísticas e de explicitar a porosidade das palavras que veiculam muitos sentidos (mas não qualquer um)”. Como conclusão, a autora afirma que existem evidências de que a língua, tanto na modalidade oral quanto na escrita, “não pode ser tomada como o domínio do homogêneo, do fechado, do

repetível, mas, sim, como um campo marcado pela heterogeneidade que o atravessa” (Tenani 2004: 242).

O trabalho de Chacon (2005), na mesma linha de estudos de Capristano e Tenani, analisa processos de hipersegmentação na escrita infantil, proporcionando uma discussão sobre “o papel das práticas de oralidade e de letramento na maneira como aprendizes da escrita segmentam palavras da língua”. Para sua pesquisa, o autor seleciona 139 ocorrências, retiradas de um conjunto de 451 textos, as quais correspondem a trissílabos hipersegmentados. Chacon (2005: 80) justifica sua escolha de palavras compostas por três sílabas devido a seu interesse em observar a ação da prosódia na escrita infantil. O autor afirma que os trissílabos “pareceram fornecer indícios mais interessantes dessa ação do que os polissílabos e dissílabos”.

A ação da prosódia é revelada, nos dados analisados por Chacon (2005), devido à extrema relevância da preservação da sílaba e do pé métrico⁶ quando da inserção do espaço. A grande maioria dos dados indica uma tendência dominante (92 ocorrências) em separar os trissílabos por meio da formação de uma sílaba e um pé, conforme os exemplos *com vido* (convidou), *e Rita* (irrita), *a sucar* (açúcar). Aparecem também dados (19 ocorrências) em que o trissílabo segmenta-se em um pé e uma sílaba, como em *colo que* (coloque), *para bems* (parabéns), *escom de* (esconder).

No entanto, os limites prosódicos não são o único interesse de Chacon (2005: 82-83), que considera igualmente relevantes os dados capazes de apresentar indícios “do trânsito da criança por práticas de letramento”. Tais evidências se apresentam em dados como *a prenti* (aprendi) ou *es quente* (esquente), nos quais uma das partes hipersegmentada corresponde a um monossílabo – “a”, em “aprendi” – ou mesmo a um dissílabo com significado lexical – “quente”, em “esquente” –, cujo reconhecimento se justifica por indícios da prática de letramento da criança.

Chacon (2005: 84) afirma que a criança insere espaços no interior das palavras não só com base no acento, mas também na busca em delimitar “grafemas ou sequências de grafemas que, na escrita, em alguns momentos, correspondem a partes de palavras e, em outros, a palavras inteiras”. Também fica claro para o autor que os limites prosódicos podem ser detectados pelos espaços em branco deixados pela criança. Finalmente, conclui que não importa por qual desses aspectos se analisem as segmentações não convencionais feitas pelas crianças, “(tanto a partir de seu vínculo

⁶ O pé métrico, segundo Bisol (1996: 250), constitui-se pela relação de dominância que se estabelece entre duas ou mais sílabas. Segundo a autora, “o português é uma língua que constrói pés binários de cabeça à esquerda, a partir da borda direita da palavra”.

com práticas de oralidade quanto com práticas de letramento), sempre a sua outra contraparte imediatamente se mostra” (Chacon 2005: 84).

Ainda fundamentado nas relações estabelecidas entre convenções ortográficas e constituintes prosódicos, Chacon (2014) desenvolve um estudo, com dados extraídos de textos de crianças de segunda série do primeiro ciclo do ensino fundamental, sobre as flutuações na segmentação de palavras, cujo objetivo é analisar os conflitos pelos quais a criança passa no momento de executar essa tarefa. Esses conflitos, segundo o autor, ficam evidenciados por formas visivelmente apagadas que ocorrem dentro de um mesmo texto.

Em um dos textos, Chacon (2014) analisa a ocorrência de três pares de flutuações: *e la / ela*; *ou vil / ouvil* (ouviu); *ele fante / elefante*. O aprendiz parece usar mais de uma hipótese como suporte para a segmentação de tais palavras. A ocorrência dessas flutuações nos dados das crianças é justificada pelo autor através de uma análise ancorada tanto em diferentes aspectos prosódicos, característicos da linguagem oral, como em aspectos das convenções ortográficas da língua.

Chacon (2014) finaliza sua análise sobre a flutuação na segmentação das palavras escritas em textos de crianças, afirmando que

essas marcas de correção apontam para uma busca de ancoragem da escrita. E, na mostra dessa busca, apontam para perspectivas de ancoragem não necessariamente coincidentes entre si – uma vez que [...] as marcas de correção sugerem a ancoragem da criança em diferentes instâncias da sua constituição como sujeito escrevente, instâncias que decorrem de uma escrita/fala e de uma leitura/audição que são recuperadas no próprio ato de escrita e deixam pistas em seu produto final. (Chacon, 2014: 381)

Para concluir, apresentamos nossa pesquisa, Cunha (2004), cujo objetivo principal é explicar as segmentações não convencionais da escrita por meio de uma relação mais estreita com a fonologia prosódica, todavia, sem perder de vista que o sujeito aprendiz é ativo no processo de aquisição da escrita. Partimos do pressuposto de que é por meio das hipóteses que a criança testa, de suas “idas e vindas” por diferentes possibilidades de grafia, que podemos inferir quais aspectos do conhecimento linguístico, mais especificamente, do conhecimento acerca da fonologia prosódica, são responsáveis pelo tipo de segmentação das palavras que a criança faz no seu texto.

Os dados que analisamos – hipo e hipersegmentações – foram retirados de produções textuais⁷ espontâneas de 10 crianças, ao longo das quatro primeiras séries do ensino fundamental, 5 alunos de uma escola pública e 5 de uma escola particular.

Quanto aos dados de hipossegmentação (maior número de ocorrências no *corpus*), duas tendências apresentam-se como predominantes: as que unem uma palavra gramatical a uma palavra fonológica, como em *olobo*, *derepente*, *tecomer*; e as junturas entre duas palavras fonológicas, como em *chicobento*, *miaroupa* (minha roupa), *benlonge* (bem longe). As ocorrências do primeiro tipo (palavra gramatical + palavra fonológica) são as mais abundantes no *corpus* analisado.

É importante ressaltar que, nesse estudo, consideramos como palavra gramatical aquela que não possui significado lexical, como, por exemplo, os clíticos⁸, e como palavra fonológica todas aquelas que possuem um acento primário e que, mesmo não tendo significado conhecido na língua, são candidatas potenciais para tal.

Em um número bem mais restrito, quase exceções, aparecem as hipossegmentações do tipo que juntam uma palavra fonológica a uma palavra gramatical, como em *pegela* (pegá-la) e *chamavase* (chamava-se), e as que juntam duas palavras gramaticais, como em *oque* ou *praque*.

Quanto às hipersegmentações, observamos duas tendências como predominantes: separação de uma palavra em duas (as mais numerosas), uma gramatical e outra fonológica, como em *em bora*, *na mora*, *com migo*; e separação de uma palavra em duas palavras fonológicas, como em *ter mina*, *ar partamento* (apartamento), *mau tratados*. Devido às poucas ocorrências, consideramos como exceções as hipersegmentações que resultam em uma palavra fonológica e uma palavra gramatical, como, por exemplo, *gitan do* (gritando).

Com relação, especificamente, aos constituintes prosódicos, os dados de hipossegmentação que analisamos parecem ser motivados pelos constituintes de nível mais alto da hierarquia, a saber, a “palavra fonológica”, o “grupo clítico”, a “frase fonológica”, a “frase entonacional” e o “enunciado”. Os dados de hipersegmentação, por sua vez, parecem ser dirigidos pelos constituintes mais baixos da hierarquia, quais sejam, a “sílabas” e o “pé”.

Concluimos, por fim, que os constituintes prosódicos exercem significativa influência sobre os processos de segmentação não convencionais na aquisição da

⁷ Os textos analisados em Cunha (2004) e (2010a,b) fazem parte do BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita), pertencente ao GEALE (Grupo de Estudos sobre a Aquisição da Linguagem Escrita), da Faculdade de Educação/UFPel.

⁸ Clítico é uma palavra que depende fonologicamente de outra, comportando-se como se fosse uma de suas sílabas. Os pronomes átonos, os artigos, algumas preposições e conjunções são exemplos de clíticos.

escrita inicial do português brasileiro. Os resultados indicam também que através da análise atenta dos erros cometidos pelas crianças podem ser revelados aspectos do conhecimento linguístico infantil e, em especial, do conhecimento que a criança possui acerca da fonologia da sua língua, responsáveis pela incidência das segmentações não convencionais (cf. Cunha, 2004).

Quanto ao português europeu, o número de publicações nessa área é bem mais restrito, citamos, portanto, apenas Pinto (1997) e Sousa (2008). Pinto (1997) analisa vários tipos de erros ortográficos encontrados em textos de crianças portuguesas do 2º, 3º e 4º anos, do 1º Ciclo do Ensino Básico. Dentre esses erros, aparecem aqueles de segmentação não convencional, conforme denominação nossa. As ocorrências de hipersegmentação (embora a autora não utilize esse termo) do tipo *de pois, qua do* (quando), *em bora*, são classificadas como erros linguísticos de individualização/identificação lexical. As hipossegmentações (termo que a autora também não utiliza) relacionadas a verbo e pronome, como *saltole* (saltou-lhe), são classificadas como erros linguísticos de morfologia verbal.

Conforme se pode observar, os dados em que aparece inserção de espaço nos limites da palavra ou supressão de espaço entre palavras, não são tratados por Pinto (1997) como possivelmente motivados por aspectos fonológicos da língua. A autora relaciona dados do primeiro tipo a uma motivação lexical e dados do segundo tipo a uma motivação morfológica. Entendemos que estas são diferentes possibilidades de olhar, a partir de um ponto de vista linguístico, para um mesmo processo.

O que nos interessa, portanto, ressaltar no trabalho de Pinto (1997), é o fato de que os tipos de erros dessas crianças portuguesas, classificados pela autora em outras categorias de análise e por nós como erros de segmentação, não diferem daqueles encontrados nos demais trabalhos aqui apresentados, tanto para o português brasileiro quanto para as demais línguas. Não podemos, porém, fazer outro tipo de comparação, uma vez que a autora não analisa especificamente esses dados, mas os inclui em um *corpus* que contém outros tipos de erros não relativos à segmentação.

O trabalho da segunda autora, Sousa (2008), apesar de ser um estudo apenas exploratório, trata mais especificamente de dados de hipo e hipersegmentação, tendo sido realizado com crianças portuguesas que frequentavam os quatro primeiros anos de escolarização. A autora teve como objetivo analisar de que modo o conhecimento da segmentação de palavras evolui ao longo do 1º ciclo. De forma preliminar, Sousa (2008) conclui sua pesquisa, afirmando que: i) as hipossegmentações são encontradas em maior número do que as hipersegmentações; ii) a escolarização é um fator

importante no reconhecimento da fronteira de palavras; iii) a noção de palavra gráfica constrói-se a partir da aprendizagem da escrita.

A falta de trabalhos que abordassem a segmentação não convencional da escrita no português europeu motivou-nos à investigação nessa área, com o intuito de averiguar as possíveis semelhanças e diferenças entre duas variedades de uma mesma língua. É o que apresentamos, a seguir, na proposta de Cunha (2010a,b).

4 AS SEGMENTAÇÕES NÃO CONVENCIONAIS DA ESCRITA EM DUAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Em Cunha (2010a,b), temos um estudo comparativo entre dados de segmentação não convencional na escrita do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE). Seguindo a mesma proposta de Cunha (2004), coletamos e analisamos dados de crianças portuguesas dos três primeiros anos escolares.

Segundo uma análise preliminar, apresentada em Cunha (2010a), verificamos que os dados do PE apresentam, qualitativamente, o mesmo tipo de estrutura que os dados do PB. Isso implica dizer que encontramos nos textos das crianças portuguesas hipossegmentações do tipo *aporta, deitouse, doque, lobomáu*, e hipersegmentações do tipo *o brigado, chama da, e a (ía), bola chinhas*, tal como encontradas nos textos das crianças brasileiras.

Esses achados nos possibilitam, em um primeiro momento, afirmar que os constituintes prosódicos que motivam as segmentações não convencionais do PE são basicamente os mesmos que motivam as hipo e hipersegmentações do PB. Em se comparando esses dois tipos de segmentação, segundo Cunha (2010a), os dados de hipossegmentação são mais elevados do que os dados de hipersegmentação, em ambas as variedades do português.

Embora se tenha constatado que tanto no PB quanto no PE os dados de hipossegmentação são os mais numerosos, a diferença a ser ressaltada, entre essas duas variedades do português, está relacionada à forma como se constituem essas hipossegmentações. No português brasileiro os dados mais frequentes são os que unem uma palavra gramatical a uma palavra fonológica, como em *siasustou* (se assustou), enquanto no português europeu o maior número de hipossegmentações, contrariamente ao PB, é do tipo que liga uma palavra fonológica a outra gramatical, como em *assostouse* (assustou-se).

Ao considerarmos que a fala pode ter uma influência relevante nos primeiros textos infantis, essa diferença encontrada nos dados de crianças brasileiras e portuguesas, no que concerne à posição do clítico em relação à palavra de conteúdo, de acordo com Cunha (2010), não chega a ser uma surpresa, tendo em vista que, na oralidade, em se tratando das relações verbo/pronome, os portugueses dão preferência às formas enclíticas (ver-te), enquanto os brasileiros às formas proclíticas (te ver).

No entanto, mesmo que no geral os processos de segmentação da escrita no PB e no PE apresentem mais semelhanças do que diferenças, o que era de se esperar, visto que se trata de uma mesma língua, a diferença na direção com que o clítico se associa à palavra de conteúdo passa a chamar a atenção, de acordo com Cunha (2010b), em um dado recorrente nos textos das crianças portuguesas, qual seja, a sequência *parate*, presente em frases do tipo “boca tão grande *parate* ver melhor”. Nesse mesmo contexto, as crianças brasileiras optam, em geral, pela hipossegmentação *tever*.

Tratamos, em Cunha (2010b), o dado *parate* como um “dado singular” – cuja singularidade advém, segundo a concepção de Abaurre (1999), do fato de ser este um dado capaz de “revelar”, de ser aquele que nos conduz ao *insight* – o que nos levou a investigar outras estruturas semelhantes a essa nos textos das crianças. Encontramos, então, dentre outras, hipossegmentações como *domundo* (em, “a professora mais bonita *domundo*”), no PB, e *garrafade* (em, “esta *garrafade* vinho”), no PE. Esse tipo de hipossegmentação, por não se tratar de uma estrutura que relaciona verbo com pronome, possibilitou-nos pensar em uma motivação menos ligada à sintaxe da fala e mais ligada à estrutura prosódica ou, particularmente, à formação de grupos rítmicos.

Segundo Cunha (2010b), essa diferença confirma a hipótese de Carvalho (1989) sobre o efeito direcionalidade em ambas as variedades do português. Isso acarreta dizer que, de acordo com o autor, em se tratando da formação de grupos rítmicos, o PB tem uma tendência a associar o clítico à palavra adjacente que está à sua direita, na forma de próclise, enquanto no PE isso funciona de forma inversa, o clítico associa-se à palavra adjacente que está à sua esquerda, na forma de ênclise. Podemos afirmar, portanto, que esses dados de escrita parecem evidenciar motivações prosódicas especialmente ligadas à formação de estruturas rítmicas (cf. Cunha, 2010b).

Procuramos, pois, em Cunha (2010b), com base em Abaurre e Galves (1998), demonstrar que dados de escrita inicial, de crianças brasileiras e portuguesas, produzidos de forma espontânea, podem fornecer argumentos capazes de colaborar para com a discussão sobre o ritmo linguístico do PB e do PE, uma vez que essas segmentações podem ser motivadas pela formação de grupos rítmicos.

Particularmente, quanto aos dados de hipossegmentação, em se considerando a formação de grupo rítmicos como motivadores da segmentação, podemos concluir que, de modo geral, as crianças brasileiras apresentam uma tendência em estruturar suas palavras gráficas dando preferência a uma estrutura correspondente à palavra fonológica, enquanto as portuguesas privilegiam formações motivadas pelo pé trocaico. Consideramos aqui, conforme Abaurre e Galves (1998), um “pé trocaico” que não leva em conta o número de sílabas, mas apenas a localização da cabeça do pé à esquerda. Dessa forma, fazem parte dessa família de pés fonéticos os dátilos – uma sílaba forte e duas fracas, como “sábado”, por exemplo – e, levando-se ao extremo, também podem ser considerados como parte dessa família os pés degenerados – com uma sílaba apenas, por exemplo, “prá” – que resultaram de processos de redução silábica.

Sobre as hipersegmentações, em ambas as variedades do português, encontramos como motivação para inserção de espaço, dentro dos limites da palavra, o pé métrico, em especial o troqueu silábico, ou seja, o pé de proeminência à esquerda. Esse resultado vem ao encontro de autores como Bisol (1996) que afirma ser o português, de modo geral, uma língua majoritariamente constituída por palavras paroxítonas, ou seja, com o acento na segunda sílaba, a contar da borda direita da palavra, como em “casa” ou “panela”, por exemplo.

Essa inserção de espaço está também relacionada, conforme Abaurre (1999), à preferência que as crianças, em fase de aquisição da escrita, têm por estruturas dissílabas e paroxítonas, como se vê em *bola chinha*. Também apresentam evidências dessa preferência dados que denominamos de híbridos (presença simultânea de hipo e hipersegmentação), como em *pora quela* (por aquela).

Para concluir, podemos afirmar que os dados de escrita de variedades diferentes de uma mesma língua, nesse caso o português brasileiro e o português europeu, são capazes de fornecer indícios da existência de relação entre as variações rítmicas dessas línguas e as suas segmentações não convencionais do texto.

Com base nas variadas pesquisas que por ora apresentamos, de dados relativos a textos de crianças falantes de diferentes línguas e mesmo de duas variedades de uma mesma língua, passemos a uma análise do que esses estudos apresentam de convergências sobre a segmentação da escrita.

5 AS CONVERGÊNCIAS SOBRE A SEGMENTAÇÃO DA ESCRITA

De acordo com os dados dos diferentes autores que apresentamos ao longo deste trabalho, é possível afirmar que a segmentação de um texto, em estruturas que a criança considera como palavra, pode ser motivada por diferentes componentes linguísticos – seja um ou mais de um, simultaneamente; bem como pelo acesso que a criança tem à escrita institucionalizada. Chacon (2005) afirma que, independentemente do aspecto considerado para analisar as segmentações não convencionais, encontradas nos textos infantis, tanto a partir do vínculo que a criança tem com as práticas de oralidade quanto com as de letramento, sempre, de imediato, uma contraparte se mostra.

Quanto à relação fala/escrita/palavra, mesmo partindo de diferentes pressupostos teóricos, os trabalhos aqui descritos convergem para a ideia de que a segmentação da escrita inicial está diretamente relacionada à noção de palavra, uma vez que a criança, em fase de aquisição, enfrenta uma tarefa complexa para segmentar o texto, precisando decidir onde vai inserir pausas no que ela percebe como um contínuo, estabelecendo, portanto, limites para aquilo que ele entende como palavra.

Essa estreita relação entre a segmentação do texto escrito e a noção de palavra gráfica está posta claramente nos trabalhos que apresentamos. Sousa (2008), por exemplo, diz que a noção de palavra gráfica constrói-se a partir da aprendizagem da escrita. Também para Ferreiro e Pontecorvo (1996), a noção de palavra não é anterior à noção de texto, mas se constitui simultaneamente ao processo de aquisição do texto escrito. Segundo as autoras, a noção de palavra interfere diretamente na segmentação do texto escrito, uma vez que, no início da aquisição, as crianças apresentam mais facilidade em reconhecer como “palavra” as estruturas da língua que carregam, por si só, significados, como os substantivos, os verbos e os adjetivos, sendo que as demais palavras, principalmente os artigos, conjunções, preposições e outros elementos de ligação, são relegados à condição de “não palavra”.

É por conta dessas dificuldades, que, segundo Ferreiro e Pontecorvo (1996), a criança apresenta, em seus textos iniciais, uma maior tendência à hipossegmentação (*amenina, umlobo, decasa, nafloresta*), uma vez que não reconhece, como palavra, elementos átonos, compostos, em geral, por uma ou duas letras, associando-os, pois, à palavra de conteúdo. Essa predominância de hipossegmentações também se apresenta nas pesquisas de Sousa (2008) e Cunha (2004, 2010a,b).

Outro dado relevante, diz respeito às hipersegmentações, que começam a aparecer em fase um pouco mais avançada de escolarização. Para Ferreiro e Pontecorvo (1996), as mesmas estruturas (de uma ou duas letras) que apresentam dificuldades ao reconhecimento das crianças como palavra, são também as que provocam maior número de hipersegmentações, quando passam a ser confundidas com a sílaba inicial de uma palavra. Confirmam essa ideia, dentre outros, os dados de Chacon (2005), como *a sucar* (açúcar), ou de Cunha (2004), como *na quela*.

Esses resultados, que se repetem nos variados estudos que apresentamos, parecem confirmar a hipótese de Ferreiro e Pontecorvo (1996: 64), segundo a qual, “a escrita das crianças parte de formas unidas (em geral, segundo critérios gráficos e sintáticos) e evolui para uma segmentação cada vez mais completa”.

Por tudo que apresentamos, podemos dizer que é com a escolarização que os limites das palavras passam por reajustes e começam a se adequar aos limites gráficos da língua alvo, independente de qual seja ela. É, portanto, possível afirmar que antes da aquisição da escrita a criança tem uma sensibilidade fonológica para o que seja palavra, mas sem que essa estrutura tenha seus limites definidos claramente. Somente no contato com a própria escrita institucionalizada esses limites passam a se redefinir e ajustar.

Situações em que uma criança grafa, em um mesmo texto, ora *ele fante*, ora *elefante*, demonstram, segundo Chacon (2014), as “flutuações” nas segmentações das estruturas que a criança considera como palavra. Essas flutuações podem decorrer tanto de aspectos das convenções ortográficas da língua quanto de motivações prosódicas.

Nesse percurso entre a aquisição da segmentação convencional do texto e a delimitação de palavras gráficas, encontramos as convergências sobre as motivações fonológicas, especificamente, as prosódicas, que parecem nortear algumas das escolhas infantis.

Em Capristano (2004), embora a autora considere importantes as informações que a criança possui sobre o código escrito institucionalizado, hipossegmentações como *socorela* (socorrê-la) ou *saiofimrrido* (saiu ferido), dentre outras, são consideradas como resultantes de uma maior percepção de constituintes prosódicos.

Para Tenani (2004), palavras como “contaminada”, grafadas pelas crianças como *conta minada* ou *com taminada*, deixam transparecer evidências de que o aprendiz estabelece os limites da palavra gráfica de acordo com as pausas que insere na cadeia fônica.

Chacon (2005), ao analisar dados de hipersegmentação, em trissílabos, chega à conclusão de que as inserções de espaços, dentro dos limites da palavra gráfica, podem ser motivadas pelo conhecimento prosódico internalizado que a criança possui acerca da sua língua, uma vez que as duas estruturas resultantes dessa segmentação são sempre uma sílaba e um pé métrico ou vice-versa, como em *a sucar* (açúcar) e *colo que* (coloque), respectivamente.

Por fim, em Cunha (2004), foi mostrada, em dados de crianças brasileiras, a estreita relação entre as segmentações não convencionais da escrita e os constituintes prosódicos. Em Cunha (2010a), houve uma ampliação do *corpus* com dados de crianças portuguesas e concluiu-se que as mesmas categorias prosódicas que motivam a segmentação da escrita inicial no PB, ocorrem no PE. Tanto em Cunha (2004) quanto em Cunha (2010a), os resultados mostraram que os dados de hipossegmentação parecem ser motivados pelos constituintes mais altos da hierarquia prosódica (palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional, enunciado), enquanto as hipersegmentações pelos mais baixos (sílaba, pé).

Ao comparar essas duas variedades do português, em Cunha (2010b), apresentou-se a influência da prosódia na segmentação não convencional do PB e do PE, particularmente vinculada a aspectos rítmicos. Dentre outros fatores, o efeito de direcionalidade, encontrado em hipossegmentações como *domundo* (PB) e *garrafade* (PE), permitiu demonstrar que as segmentações não convencionais da escrita inicial podem ser, também, motivadas pela formação de grupos rítmicos.

Depois de finalmente expostas as convergências encontradas nos diferentes autores que por hora apresentamos, passemos, então, às últimas e breves palavras deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, tínhamos como objetivo principal demonstrar as convergências que parecem caracterizar, de modo geral, o processo de segmentação da escrita, relacionando-o à noção de palavra; bem como a relação que esse processo de aquisição pode ter com o conhecimento fonológico internalizado da criança, em especial, o conhecimento prosódico.

Afirmamos, pois, que a segmentação do texto está estreitamente ligada à noção de palavra e que esta, por sua vez, pode se constituir motivada por diferentes critérios, dentre outros, particularmente, os prosódicos.

Retomamos também a ideia de que a noção de palavra gráfica, segundo Roazzi e Carvalho (1995), vai se construir no decorrer da aquisição, no contato direto com a própria escrita institucionalizada.

Podemos, então, afirmar que do ponto de vista pedagógico esta pesquisa traz resultados relevantes para a alfabetização, se levarmos em conta que o professor precisa fazer de sua sala de aula um espaço privilegiado para o desenvolvimento da criança, um verdadeiro espaço para a produção de conhecimentos.

Em relação à escrita, particularmente, o aluno precisa de liberdade para testar suas hipóteses. Segundo Piaget (1972), o sujeito precisa interagir com o objeto do conhecimento para que a aprendizagem se realize, para tanto, o professor deve estar devidamente preparado e atento para (re)conhecer por meio de que processos a criança se apropria do sistema da escrita, a fim de que possa identificar as hipóteses que ela está formulando e as etapas que está ultrapassando.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? **Anais de Seminários do Gel**, 1987.

ABAURRE, Maria Bernadete. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina (org.). **Aquisição da linguagem: questões e análises**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

ABAURRE, Maria Bernadete; GALVES, Charlotte. As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. **DELTA**, v.14, n.2, 1998.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

CAPRISTANO, Cristiane. **Aspectos de segmentação na escrita infantil**. São José do Rio Preto, 2003. Dissertação. 213f. (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp.

CAPRISTANO, Cristiane. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. **Letras de Hoje**, v.39, n.3, 2004.

CARVALHO, J. Brandão. Phonological conditions on portuguese clitic placement: on syntatic evidence for stress and rhythmical patterns. **Linguistics** 27. 1989.

CHACON, Lourenço. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. **Estudos Linguísticos**, v. 34, 2005.

CHACON, Lourenço. Flutuação na segmentação de palavras: relações entre os constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v.15, n.2, 2014.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Massachussets: Mit Press, 1965.

CORREIA, Manoel. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, Ana Paula Nobre. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CUNHA, Ana Paula Nobre. As segmentações não-convencionais da escrita em textos de crianças brasileiras e portuguesas: um estudo sobre prosódia. In: MARÇALO, Maria João; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; ESTEVES, Elisa; FONSECA, Maria do Céu; GONÇALVES, Olga; VILELA, Ana Luísa; SILVA, Ana Alexandra. (Org.). **Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. 1ª ed. Évora: Universidade de Évora, 2010a.

CUNHA, Ana Paula Nobre. **As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu**, 2010. Tese – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/Brasil, 2010b.

FERREIRO, Emilia; PONTECORVO, Clotilde. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, Emilia. PONTECORVO, Clotilde; MOREIRA, Nadja Ribeiro; HIDALGO, Isabel García. **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever**. São Paulo: Ática, 1996.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **La prosodia**. Madrid: Visor Distribuciones, S.A., 1994 [1986].

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1972.

PINTO, Maria da Graça. A ortografia e a escrita em crianças portuguesas nos primeiros anos de escolaridade. **Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas**. v. XIV, 1997.

ROAZZI, Antônio; CARVALHO, Maria do Rosário. O desenvolvimento de habilidades de segmentação lexical e a aquisição da leitura. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.76, n.184, 1995.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUSA, Otilia da Costa. Aprender a escrever: hipo e hipersegmentação. **Caderno de Resumos: IV Encontro Língua Portuguesa nos Primeiros Anos de Escolaridade**, 2008.

TENANI, Luciani. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.39, n.3, 2004.

Recebido em 2 de julho de 2019.

Aceito em 20 de agosto de 2019.